

## SISTEMÁTICA DA VIOLÊNCIA E PERSEGUIÇÃO CONTRA PROFESSORES EM UM INSTITUTO FEDERAL NO SUL DO BRASIL

ZAAK SARAIVA, I<sup>1</sup>; LIMA, A.B.M<sup>2</sup>; GRÜMM, C.A.F.<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Curso de Aperfeiçoamento em Educação Democrática, UFF, [illyushin.saraiva@gmail.com](mailto:illyushin.saraiva@gmail.com)

<sup>2</sup> Curso de Aperfeiçoamento em Educação Democrática, UFF, [adrianolima.ifc@gmail.com](mailto:adrianolima.ifc@gmail.com)

<sup>3</sup> Curso de Aperfeiçoamento em Educação Democrática, UFF, [cristianegrumm@gmail.com](mailto:cristianegrumm@gmail.com)

**Palavra-chave:** Violência Escolar; Interseccionalidade; Violência Invisível.

A literatura recente tem apresentado várias categorizações e tipificações para o fenômeno da violência escolar, baseadas em parâmetros socioculturais e políticos diversos, destaques para a tipificação proposta por Charlot (2002) que basicamente caracteriza a violência escolar, entre outros, de acordo com seu *lôcus* de origem, além do conceito de Interseccionalidade, primeiramente proposto por Crenshaw (1989) e utilizado por Collins (2020) como ferramenta de crítica social; mostrando-se ambos pertinentes à análise do grave estado atual da violência contra educadores no Brasil, que vem se agravando desde o advento do golpe de estado parlamentar de 2016 no país, mostrando dados de 2023 que 8 em cada 10 professores da escola básica já sofreram violência no ambiente escolar. Este estudo propõe analisar a sistemática com a qual ocorre a violência contra professores em um Instituto Federal com 16 unidades no Estado de Santa Catarina, a partir das categorizações citadas, entre os anos de 2013 e 2025, a partir de dados secundários e conversas informais com professores vítimas de violência. Quanto aos resultados desta pesquisa, em respeito (A) à perspectiva da Interseccionalidade, observa-se em vários *campi* da instituição – reconhecendo o contexto local de pequenas cidades colonizadas por europeus, em que estão situados – a existência de certos grupos com características específicas que sofrem casos de violência mais graves e com maior frequência, como mulheres, pessoas do norte e nordeste do Brasil, professores de humanas, professores LGBT, professores autistas. Quanto (B) à tipologia da violência em sua relação com o poder proposta por Collins (2020), a maioria dos casos de violência contra professores na instituição trata-se da violência invisível, já que a maioria da comunidade não toma conhecimento dos PADs, sindicâncias e outras medidas tomadas contra os docentes, por não se tratar de violência fruto de relações interpessoais de poder. Além disso, nota-se incidência de violência originada do poder cultural, na medida em que no âmbito do Instituto é quase unânime, por exemplo, a percepção de que "é impossível ser inocentado num PAD" e outras retóricas absurdas, além do ostracismo sofrido pelos acusados, com demais professores se afastando e evitando diálogo. Também percebe-se a existência da violência fruto de relações de poder disciplinar, na medida em que os ocupantes de cargo de coordenação quase nunca sofrem PAD, por mais absurdas que sejam suas ações no exercício da função. Finalmente, quanto às relações estruturais de poder, estão presentes, por exemplo, quando os professores



de engenharia e da área agrícola (que são a grande maioria da instituição) dificilmente são processados. E acerca (C) da tipologia proposta por Charlot, verifica-se que, na maioria dos *campi* quase não há 'Violência Na Escola', como é mais comum em cidades grandes. Contudo, em diversos casos, notadamente contra mulheres, LGBT e autistas, há diversos casos de 'Violência Da Escola', materializados em PADs e perseguições por parte da direção. Finalmente, no caso de professores de Filosofia, História, Sociologia, há diversos casos de 'Violência Contra a Escola', na forma de denúncias ao Escola sem Partido, na forma de campanhas realizadas por vereadores bolsonaristas locais, etc.

**Agradecimentos:** UFF; ONVE.

## Referências:

CHARLOT, Bernard. A Violência nas Escolas: Como os sociólogos franceses abordam essa questão. In: **Sociologias**, ano 4, n. 8, 2002, pp: 432-443. ISSN: 1807-0337. <<https://doi.org/10.1590/S1517-45222002000200016>>.

COLLINS, Patricia Hill. **Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teoria social crítica**. Trad. Bruna Barros. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2022. ISBN 978-65-5717-139-4

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Trad. Rane Souza. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2020. ISBN 978-65-5717-022-9.

CRENSHAW, Kimberlé. 1989. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory, and Antiracist Politics. In: **University of Chicago Legal Forum**: Vol. 1989: Iss. 1, Article 8. Pp: 139-167.

